

## ABORDAGENS GEOGRÁFICAS NO ESTUDO DA PAISAGEM

**AGOSTINHO PAULA BRITO CAVALCANTI** - agos@ufpi.br

Departamento de Geografia e Historia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) -  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da Universidade Estadual Paulista  
"Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) - São Paulo - Brasil

<b>Resumo</b>	<p>O presente artigo trata das abordagens geográficas através dos seus princípios teóricos e metodológicos, com apresentação e discussão direcionadas ao estudo da paisagem, embasados nas formas de pensamento e novas perspectivas de estudo da Geografia Tradicional; Geografia Quantitativa; Geografia Crítica e Geografia Humanista. A metodologia utilizada constou da pesquisa bibliográfica realizada em gabinete, através de revisão da literatura e análise dos dados coletados para obtenção de informações pertinentes ao tema. Como resultados foram constatados que estas abordagens oferecem diferentes encaminhamentos ao estudo da paisagem, estando relacionados ao próprio desenvolvimento da geografia ao longo do tempo, de acordo com os novos conceitos científicos e políticos ideológicos. As conclusões mostraram que a geografia tradicional analisa uma parcela do espaço concreto, na procura de pesquisar todas as formas de relações e combinações existentes entre a totalidade dos diversos elementos da paisagem; na quantitativa pelo desenvolvimento de teorias relacionadas com as características da distribuição e arranjo espacial dos fenômenos; na crítica pela análise em primeiro lugar dos processos sociais e não os espaciais e ainda pela análise dos modos de produção e das formações sócio-econômicas e na humanista a paisagem é definida como um organismo social a partir da consideração de um espaço subjetivo, sentido e vivido.</p> <p><b>Palavras-chave:</b> Geografia - Pensamento geográfico - Paisagem</p>
---------------	--

<b>Resumen</b>	<p style="text-align: center;"><b>ABORDAJES GEOGRÁFICOS EN EL ESTUDIO DEL PAISAJE</b></p> <p>Este artículo se refiere a los estudios de geografía a través de sus principios teóricos y metodológicos, con presentación y discusión orientadas a estudiar el paisaje, basadas en los modos de pensar así como las nuevas perspectivas de estudio de la Geografía Tradicional; Geografía Cuantitativa, Geografía Crítica y la Geografía Humanista. La metodología empleada se basó en una revisión bibliográfica y posterior análisis de los datos para obtener información acerca del tema. Los resultados alcanzados señalan que los diferentes abordajes sobre el estudio de paisaje se relacionan con el desarrollo de la geografía a lo largo del tiempo, según los nuevos conceptos científicos y de ideología política en boga. Las conclusiones indican que la Geografía Tradicional analiza una porción del espacio concreto, en el intento de investigar todas las formas de relaciones y combinaciones existentes; entre la totalidad de los diversos elementos del paisaje. En la Cuantitativa el foco es en el desarrollo de las teorías relativas a la característica de la distribución y arreglo espacial como fenómenos. La Crítica, analiza, en primer lugar, los procesos sociales y no los espaciales, además aborda el modo de producción y las formaciones socioeconómicas. En la Humanista, el paisaje es definido como un organismo social a partir de la consideración de un espacio subjetivo, sentido y vivido.</p> <p><b>Palabras clave:</b> <i>Geografía - Pensamiento geográfico - Paisaje</i></p>
----------------	---

<b>Abstract</b>	<p style="text-align: center;"><b>GEOGRAPHICAL APPROACHES IN THE STUDY OF LANDSCAPE</b></p> <p>This article deals with studies in geography through its theoretical and methodological principles, with presentation and discussion directed to study the landscape, grounded in the ways of thinking and new perspectives of study of Geography Traditional; Quantitative Geography; Critical Geography and Human Geography. The methodology consisted of literature search conducted in the office, through literature review and analysis of data collected to obtain information relevant to the topic. As results were found that these different approaches offer referrals to the study of landscape, being connected to the proper development of geography over time, according to new scientific concepts and political ideology. The findings showed that traditional geography analyzes a portion of the concrete space in a</p> <p style="text-align: right;">↩</p>
-----------------	--

quest to search all forms of relationships between and combinations of all the various elements of the landscape in the development of quantitative theories related to the characteristics of distribution and spatial arrangement phenomena, in criticizing the first review of the social processes and not the spatial analysis and also by the modes of production and socioeconomic structures and humanistic landscape is defined as a social organism from the consideration of a subjective space, felt and lived.

**Keywords:** Geography, Geographic thought, Landscape



## Introdução

As sucessivas transformações que ocorrem no conhecimento científico e no contexto sócio-econômico promovem mudanças e desafios nas mais variadas ciências, onde cada uma em particular reage de diferentes maneiras e seu momento histórico poderá colocá-la na posição de vanguarda no desenvolvimento, de acordo com a valorização destinada.

Na procura da explicação dessas transformações e com o propósito de buscar soluções e prever conseqüências futuras, o conhecimento científico sempre aceitará desafios para superar questões relevantes no desenvolvimento da humanidade.

Este trabalho restringe-se ao conhecimento geográfico, pela preocupação com uma redefinição da noção geográfica de paisagem, onde o homem encontra-se no centro não apenas como observador, mas como parte integrante da mesma.

Os pressupostos geográficos transformaram-se ao longo do tempo, tendo sua estruturação discutida e elaborada a partir do surgimento de novas idéias. Embora existindo um objeto comum, ocorre uma interação das diferentes abordagens, leituras e formas de abordagem, ampliando os horizontes dessa ciência.

Percebe-se uma multiplicidade de direcionamentos que se justapõem onde

verdades não são absolutas e o conhecimento constantemente superado, com a ocorrência de novas leituras ou perspectivas sobre a compreensão da relação natureza e sociedade.

Com o propósito de analisar as abordagens atuantes nos estudos geográficos procurou-se estabelecer uma seqüência tomando-se por base o que se segue: pressupostos históricos geográficos da paisagem e as principais abordagens geográficas, direcionadas para o estudo da paisagem: a Geografia Tradicional; Geografia Quantitativa ou Teorética; Geografia Crítica e Geografia Humanista, oferecendo um quadro genérico na orientação das pesquisas, bem como balizadoras das finalidades propostas para a ciência geográfica.

## **Metodologia**

Para a realização deste trabalho foram utilizados os procedimentos metodológicos a seguir:

- 1) Pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica do trabalho, no sentido de estabelecer proposições e estratégias para os objetivos propostos.
- 2) Coleta de dados e informações sobre trabalhos referidos ao tema, procurando elementos para a compreensão dos conceitos relativos às abordagens geográficas nos estudos da paisagem.

### **1. Pressupostos históricos-geográficos no estudo da paisagem**

A história do pensamento geográfico se inicia na Grécia Antiga, tida como a primeira cultura conhecida a explorar ativamente a Geografia como ciência e filosofia. As viagens dos exploradores espalharam pela Europa o interesse pela Geografia e a cartografia elaborada, à medida que se descobriam novas terras, incluía técnicas inovadoras. Durante a Idade Média, foram aprofundados e mantiveram-se os antigos conhecimentos gregos e no período da Renascença e ao longo dos séculos XVI e XVII, as viagens de exploração reavivaram o desejo de bases teóricas mais sólidas e de informações mais detalhadas.

Durante o século XVIII, a Geografia foi sendo reconhecida como disciplina

científica e ao longo do século passado a quantidade de conhecimento e o número de instrumental técnico teve um aumento significativo.

No estudo histórico-geográfico da paisagem optou-se pelos principais precursores, de acordo com a relevância de suas obras ou mesmo pelas conceituações teóricas e metodológicas emanadas desses trabalhos.

Ao lançar as bases da Geografia com o estudo de como as condições físicas variadas alteram a distribuição da vida, Alexander von Humboldt [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_von\\_Humboldt](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_von_Humboldt) - cite\_note-0#cite\_note-0 (1769-1859) elaborou o princípio da causalidade, onde mostrou os fatores que levaram a formação ou transformação do espaço, afirmando que paisagens semelhantes podem ocupar locais diferentes desde que tenham o mesmo fator de formação.

Aproximou-se da Meteorologia com o estudo das isotermas, métodos de comparação das condições climáticas, diminuição da intensidade do campo magnético terrestre dos pólos ao Equador, análise da temperatura média com o aumento da altitude e a origem das tempestades tropicais; e da Geologia com o estudo dos vulcões, mostrando que se classificavam naturalmente em grupos lineares, correspondendo a fissuras subterrâneas e pela origem ígnea das rochas.

Publica várias obras destacando-se *Voyage interminable sur l'Amérique du Sud* (1808-1826); *Essai sur la Géographie des plantes* (1805); *Atlas géographique et physique du royaume de la Nouvelle Espagne* (1811); *Examen critique de l'histoire de la géographie du Nouveau Continent* (1814-1834); *Nova genera et species plantarum* (1815-1825) e sua principal obra *Kosmos* (1845-1862), cujo objetivo era comunicar a necessidade prática da pesquisa científica, descrevendo o conhecimento da época sobre os fenômenos terrestres e celestes e o lançamento das bases da Geografia Física e da Geofísica, notadamente da Sismologia, demonstrando que não pode haver conhecimento sem experimentação.

No período em que o conhecimento geográfico acumulado permitia obter uma maior fundamentação, Carl Ritter (1779-1859) concebeu o princípio da analogia que visava a comparação das semelhanças e diferenças das paisagens, sendo importantes os fenômenos da superfície da Terra, suas interrelações e as

relações dos fenômenos com o homem. Escreveu uma obra de 19 volumes intitulada *Erdkunde* (Conhecimento da Terra), onde descreveu diversas áreas do mundo, tentando integrar o quadro físico com a ocupação humana.

No contexto histórico, as formulações de Friedrich Ratzel (1844-1904) só seriam possíveis de compreensão em função de determinada época e sociedade. Com *Antropogeografia - fundamentos da aplicação da Geografia à História* (1882) enunciou as premissas básicas da Geografia Humana. Em *Geografia Política*, (1897) defende a não fragmentação da Geografia (de áreas específicas e escalas prioritárias), tratando de uma perspectiva epistemológica ampla. Criou o termo *Lebensraum* (espaço vital).

Considerando que o Estado deve planejar a apropriação do espaço geográfico, pelo conhecimento das características naturais e humanas de seu território e argumentando que o homem pode interferir, modificar a natureza e ultrapassar os supostos obstáculos impostos pelas condições naturais, Paul Vidal de La Blache (1845-1918) admitia que esse Estado possui *possibilidades* para alcançar um nível de desenvolvimento econômico, social, tecnológico e político a ponto de melhorar satisfatoriamente a vida do povo ou da nação, cabendo impor seu poder sobre o território. Tais idéias se contrapõem com as de Ratzel na defesa que a natureza *determinava* as condições sociais, econômicas e tecnológicas do povo impossibilitando-o de se desenvolver satisfatoriamente. Publicou *Quadros de Geografia da França* (1903); *Atlas geral: História e Geografia* (1894); e a obra póstuma *Princípios de Geografia Humana* (1922).

## 2. Geografia Tradicional

Organizada e estruturada principalmente em função das obras de Humboldt e Ritter, esta concepção com as idéias e contribuições apresentadas, tiveram significativa influência no desenvolvimento da Geografia, como as de Emmanuel de Martonne (1873-1955) com a obra *Traité de Géographie Physique* (1909) ao estudar a distribuição na superfície do globo dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais desses fenômenos;

em Albert Demangeon (1872-1940) que se refere ao estudo dos grupos humanos nas suas relações com o meio geográfico e em Jean Brunhes (1869-1930) acerca da relação homem-meio, sendo este o centro da análise geográfica da realidade; sobre o princípio da atividade, (independente da velocidade, tudo está em transformação) e ainda do princípio da conexão (de natureza social ou natural, tudo está em recíproca relação e não pode ser estudado isoladamente).

Embora houvesse acordo de que a superfície terrestre era o domínio específico do trabalho geográfico, essas definições e a prática da pesquisa geográfica estavam carregadas de contradições dicotômicas, tais como:

- (i) a relação entre Geografia Física (representando o estudo do quadro natural) e Geografia Humana (representando as atividades humanas), onde a primeira aparece mais consolidada e executada cientificamente, não havendo preocupações teóricas e metodológicas, ao contrário da Geografia Humana destituída de aparato teórico e de imprecisão nos procedimentos metodológicos, na procura de estabelecer sua definição e finalidades;
- (ii) a dicotomia entre Geografia geral, com o estudo da distribuição dos fenômenos na superfície da Terra e pela análise de cada categoria de maneira autônoma, resultando nas subdivisões e a Geografia regional, com o estudo das regiões favorecendo a expansão da perspectiva cronológica, na compreensão das características regionais e desenvolvimento da habilidade descritiva, reafirmando que os aspectos próprios da Geografia eram os espaços com métodos mais adequados para dividir a Terra em regiões e os lugares, com informações descritivas.

As bases filosóficas foram desenvolvidas por La Blache (1922) quando identifica a região como uma paisagem, onde os gêneros de vida determinam a condição e a homogeneidade dessa região; e por Hartshorne (1978), com os espaços divididos em classes de área, onde os elementos mais homogêneos determinariam cada classe e as descontinuidades destes trariam as divisões das áreas.

A Geografia tradicional (positivista) tem por objetivo a análise de uma parce-

la do espaço concreto, na procura de pesquisar todas as formas de relações e combinações existentes entre a totalidade dos diversos elementos.

Esta visão é essencialmente naturalista, considerando as unidades naturais o ponto de partida da identificação geográfica sobre a influência de fatores físicos, considerando ainda a natureza como um todo, como uma totalidade dialética, formada por elementos e componentes naturais que interagem entre si e formam um sistema, sendo compreendida de forma mecanicista, com predomínio do determinismo.

Os fundamentos básicos desta abordagem respondem pelo espaço relativo, entendido a partir das relações entre os objetos (região e paisagem); e a organização espacial como o padrão espacial resultante das decisões sociais.

Ao verificar as relações do homem (sociedade) com a natureza, não leva em consideração as relações sociais entre os homens, relatando apenas as observações em campo, como uma visão contemplativa da realidade. Ocorre então uma separação da realidade observada (objeto) do pesquisador (sujeito) pela não interferência nesta realidade, acreditando na neutralidade científica.

Considerando a totalidade, à Geografia correspondia ao trabalho de síntese, reunindo e coordenando todas as informações com a finalidade de salientar a visão totalizadora da região, tendo a vocação sintética, tornando-se a responsável pela unidade do ponto de vista atribuído às pesquisas.

Sendo responsabilizada pela unidade da Geografia, induziu que tivesse por objetivo o conhecimento das relações que condicionam, em determinado momento, a vida e as relações dos grupos humanos, resultando, em função dessa concepção, que todos os eventos da superfície terrestre pertenceriam ao âmbito geográfico.

Vista como uma ciência diferente das demais, a Geografia é considerada neutra, técnica, útil e prestadora de serviços, havendo uma preocupação com o estudo da aparência dos fenômenos, tendo a paisagem o caráter de fisionomia física. A paisagem é a fonte de dados, com informações adquiridas em campo, constituindo-se na matéria prima de trabalho e elaboração de conceitos, a partir



da observação de um significativo número de dados, com utilização da indução e generalização, ensejando a não explicitação.

### 3. Geografia quantitativa ou teoretica

Embora se encontrem indícios anteriores, a contribuição *Exceptionalism in Geography: a methodological examination*, (Schaefer, 1953) marca cronologicamente a tomada de consciência dessa tendência renovadora da Geografia, denominada posteriormente de revolução quantitativa e teórica, proposta por Burton (1963), com abrangência nos aspectos filosófico e metodológico, na procura de redefinir a Geografia como ciência e tendo como propósito: (i) adotar a filosofia do positivismo das ciências naturais; (ii) testar leis gerais do arranjo espacial dos fenômenos; e (iii) incorporar a Matemática (Estatística), como um modo de provar hipóteses. Essas mudanças paradigmáticas ocorreram com a matematização do espaço, em função da inclusão da informática para a quantificação dos dados, pelo método neopositivista.

Devido à difusão e desenvolvimento nos setores científico, tecnológico, social e econômico, causado pelas transformações advindas da Segunda Guerra, Manley (1966) propôs a denominação Nova Geografia, ao conjunto de idéias e ocorrência de novas perspectivas de abordagem, na procura de um enquadramento maior no contexto científico e superação das dicotomias e procedimentos metodológicos então vigentes.

Esta renovação pragmática na Geografia, obteve apoio na utilização dos métodos matemáticos (quantificação) e dos modelos de representação, considerados como estruturação seqüencial de idéias relacionadas com o funcionamento do sistema com a finalidade de torná-lo compreensível e expressar as relações entre os seus diversos componentes.

Ao trabalhar os temas geográficos, sob essa nova concepção da realidade observada, entende-se que o espaço geográfico é abstrato, representado igualmente ao espaço matemático de diversas dimensões, podendo ser estudado através de um conjunto de atributos e variáveis.

Considera-se o espaço como um fenômeno geométrico, fazendo-se necessário o emprego de técnicas matemáticas e estatísticas, com utilização de modelos computacionais, objetivando o estudo dos processos e difusão espacial e a distribuição dos fenômenos geográficos e ainda como uma noção operativa e instrumental, com aceitação da existência de estruturas espaciais oriundas das atividades humanas. Claval (1982) a este respeito, salienta que essa abordagem não tardou a enriquecer-se em duas vertentes: os modelos teóricos tomados à Economia e a utilização dos propostos pela Sociologia, Etnologia e Psicologia, responsáveis pela construção de modelos diversificados.

Esses atributos e variáveis do espaço geográfico podem ser medidos e quantificados através de diversas fontes de dados (tabelas, gráficos, cartas topográficas, mapas temáticos, fotografias aéreas, imagens de satélites), desprezando-se a pesquisa de campo, por acreditar sem necessidade, com as pesquisas realizadas apenas no gabinete, desvinculada da realidade dos problemas sociais.

Esta abordagem também aplica a teoria dos sistemas como instrumento conceitual no tratamento da organização do espaço, servindo como embasamento para as pesquisas e delineamento com maior clareza dos setores de estudo ligados à Geografia, propiciando sua revitalização e a oportunidade para avaliações críticas dos seus conceitos.

O espaço geográfico é analisado como um conjunto articulado dentro dos princípios sistêmicos, considerando-se como um sistema cujos componentes interagem uns com os outros, assegurando a coerência, dinamismo e finalidade total do conjunto.

Tem início a elaboração e aplicação de modelos explicativos ou de simulação, levando em consideração as análises locais, objeto fundamental desta abordagem na Geografia. Como características básicas, podem-se enumerar:

1. Aplicação de um raciocínio lógico - abstrato, para que as generalizações sejam alcançadas, por intermédio de uma teoria adequada e metodologia consistente;

2. Desenvolvimento da quantificação, tornando mais objetivo o tratamento dos dados geográficos, com liberação das influências do subjetivismo das idéias pessoais, comum nos estudos geográficos;
3. Consideração do espaço não em sua forma absoluta, mas em sua estrutura organizacional (espaço relativo), propondo uma abordagem onde os dados espaciais tivessem uma análise geométrica.

#### 4. Geografia crítica

Esta abordagem nos estudos geográficos, teve início em meados de 1960, através da análise e discussões das obras de Marx e Engels, em universidades norte-americanas e da publicação de *Antipode: a radical journal of Geography*, criada em 1968, editada por Richard Peet, tendo como primeiro artigo *Positions, Purposes, Pragmatics: A Journal Of Radical Geography*, escrito por David Stea, introduzindo na academia uma importante publicação para discussões no âmbito da ciência geográfica.

Como marco teórico para a análise marxista do espaço, Harvey (1973) procura os fundamentos e sua aplicação aos problemas sócio-econômicos de expressão espacial e Blaut (1975) pelos trabalhos destinados a propor análises sobre o desenvolvimento e imperialismo orientados para o terceiro mundo.

No Canadá foi fundada a União dos Geógrafos Socialistas em 1974, com a publicação do periódico *Union of Socialist Geographers Newsletter*, com a finalidade de difundir os ideais propostos por este movimento. De orientação popular-radical, Bunge (1971) em *Geography of a Revolution* expõe suas idéias caracterizadas pelo contato direto com as populações das áreas pesquisadas, com participação e orientação para solucionar seus problemas e traçar suas reivindicações.

Lacoste (1976) publica *Hérodote*, procurando revelar o caráter político da Geografia e ainda *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre* no mesmo ano, com discussões do conceito de Geografia Política e Geopolítica, desde a escala regional até continental; Smith (1977) em *Human Geography: a welfare*

*approach*, com propostas para a reformulação da Geografia Humana e Peet (1978) com uma coletânea de artigos em *Radical Geography* com análises de vários pesquisadores engajados nessa temática de orientação anarquista, remontando suas origens aos trabalhos pioneiros de Kropotkin e Reclus.

A Geografia crítica procura estabelecer o rompimento da neutralidade no estudo geográfico, propondo o envolvimento e a crítica perante a conjuntura social, econômica e política. Propugna ainda uma leitura crítica dos problemas envolvidos nas relações de poder, defendendo a diminuição das disparidades sociais, econômicas e diferenças regionais e pelo rompimento da produção geográfica anterior que pregava a neutralidade e exclusão dos problemas sociais, admitindo-se não fazer parte dos temas geográficos.

Fundamentalmente nesta concepção o conceito de espaço geográfico é tratado como objeto social, resultado da produção da sociedade, como parte da dinâmica de reprodução do capitalismo, como um instrumento de reprodução do sistema social e da produção de mais-valia, considerada como uma crítica social em relação à superfície da Terra.

O espaço geográfico é um produto social produzido pelo homem, do qual ele também faz parte, não existindo a separação entre sujeito e objeto de estudo. Observam outras formas de ver a realidade, valorizando as culturas locais, a história, os lugares e os homens como entes sociais.

Possui uma proximidade com a Geografia radical, através da reação esboçada à Geografia quantitativa, que utilizava essa ciência como continuidade da ideologia de poder, pelo estado capitalista e pelas empresas.

Essa proximidade refere-se ao fato de que enquanto na Geografia radical procurou-se um estreitamento aos movimentos sociais e ao marxismo, a Geografia crítica se opôs ao socialismo real e ao marxismo real, estabelecendo uma proposta pluralista e aberta ao diálogo com as demais correntes e ainda a defesa de mudanças no ensino de Geografia, quando busca uma educação com estímulo a inteligência e ao espírito crítico e não a simples memorização de conceitos.

Nessa concepção a Geografia é vista como uma ciência social, onde o espaço

geográfico é produzido pelo homem, no tempo histórico, resultando de um processo de formação, desenvolvimento e técnicas aplicadas.

Este pensamento significou uma aproximação com os movimentos sociais, na procura da ampliação dos direitos civis e sociais (educação, saúde, habitação, reforma agrária, entre outros).

O espaço geográfico é produzido em função do interesse das classes sociais dominantes, advindo então, a preocupação com o modo de produção da sociedade e quais as classes sociais que o compõem, procurando entender como o homem vivendo em sociedade produz o espaço onde habita, ou seja, a transformação da natureza no espaço geográfico.

A pesquisa de campo é estimulada, entendendo-a como instrumento para a construção do conhecimento geográfico, valorizando a prática, passando a ser compreendida como condição essencial para a teorização da Geografia.

Emprega-se o senso crítico em suas análises, não permanecendo apenas na aparência dos fenômenos, mas procurando a sua essência, através de uma análise reflexiva e exige-se do pesquisador um posicionamento crítico e comprometido com a socialização do conhecimento obtido, não bastando observar e contemplar a realidade, fazendo-se necessário a transformação do mundo, passando a entender que a pesquisa de campo acarreta conseqüências positivas ou negativas para a população pesquisada.

De acordo com a perspectiva dessa abordagem, a paisagem é o ponto de partida para a aproximação de seu objeto de estudo que é o espaço geográfico, contendo ao mesmo tempo uma dimensão objetiva e subjetiva.

A paisagem é expressa na forma do espaço ou sua manifestação visível, concebida e percebida, onde a identificação das regiões deve se basear no que é essencial no processo de produção do espaço ou a divisão sócio-espacial.

## **5. Geografia Humanista**

Embasada na filosofia idealista do sujeito e relacionada à filosofia dos sentidos (fenomenologia e existencialismo), aparece a Geografia Humanista ou da

percepção, como parte da rejeição da racionalidade e da geometria do positivismo.

Na sua estruturação, procurou e estabeleceu para seus estudos o apoio filosófico e conceitual baseado na fenomenologia, procurando entender como as atividades e fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana, onde a consciência não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos, realizadas pela consciência, sendo necessária a redução fenomenológica, permitindo atingir a essência do fenômeno e colocando toda a existência efetiva do mundo exterior.

A fenomenologia ampara-se nos princípios e origens do significado e da experiência, típicos de fenômenos como ansiedade, comportamento, conduta, religião e lugar, não podendo ser entendidos apenas com a observação e medição, devendo serem vivenciados e compreendidos como realmente são.

No existencialismo, destaca-se a liberdade individual, responsabilidade e subjetividade, afirmando a primazia da existência sobre a essência. Durante a existência, à medida que se experimentam novas vivências, ocorre uma redefinição do pensamento e aquisição de novos conhecimentos a respeito da própria essência, caracterizando-a sucessivamente.

Como trabalho pioneiro dessa abordagem Lowenthal publica em 1961, *Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology*, de orientação humanista, com uma leitura inovadora dos temas geográficos, na busca da construção crítica do conhecimento para avaliação dos fenômenos humanos, indicando os temas: conhecimento geográfico, território e lugar, aglomeração/privacidade, modo de vida e economia/religião, de interesse dessa abordagem; e ainda a obra de Buttimer, intitulada *Grasping the Dynamism of Lifeworld* (1976), apontando para a fenomenologia existencialista com utilização na Geografia, bem como as publicações: *The Human Experience of Space and Place* (1980) e *Geography humanism and global concern* (1991); *Geography and the Human Spirit* (1993).

Em busca de uma maior amplitude de conhecimento as contribuições de

Relph intituladas *Place and placelessness* (1976); *Rational Landscapes and Humanistic Geography* (1984) e *The Modern Urban Landscape* (1987) são imprescindíveis, além das obras de Tuan, *Topophilia* (1974); *Space and place* (1976); *Landscape of fear* (1979) e a coletânea *Humanistic Geography*, de Ley e Samuels (1978). Esta abordagem é definida por bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, sentimentos, intuição, subjetividade, simbolismo e compreensão, tendo como propósitos os lugares, espaços concretos associados às experiências, sentimentos e valores dos seres humanos e ainda um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento, sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar.

A Geografia Humanista ou da percepção está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência vivida, no simbolismo, na linguagem e na contingência. Procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o ambiente.

Nesta abordagem a paisagem é uma categoria chave, como fonte da subjetividade, do imaginário e das relações afetivas. A paisagem é definida como um organismo social considerando como um espaço subjetivo, sentido e vivido por cada ser humano, um espaço individualizado. Considera que o espaço pode ser conformado pela idade e gênero dos diferentes atores, podendo ser diferente para indivíduos de uma mesma cultura.

A abordagem do espaço vivido valoriza a memória das pessoas a respeito da sabedoria, das culturas e das relações sociais de produção, elaboradas e transformadas em identidades, que se fixam no lugar, como expressão particular de modos de vida. A noção de espaço assume o significado de espaço vivido, considerando os sentimentos e as idéias de um grupo ou povo sobre o espaço das experiências.

Essa abordagem temática direciona-se para uma outra realidade, diferenciada das demais concepções, pois procura estimular os aspectos psicológicos das atividades humanas, objetivando o estudo da percepção dos indivíduos através dos sentimentos e atitudes perante o ambiente definido por espaços restritos impossíveis de generalizações.

Nas investigações práticas de campo preocupam-se em entender as relações dos indivíduos ou das comunidades com o lugar onde se processa a pesquisa, onde estas efetuam ações de uso e ocupação, exploração e transformação.

Busca interpretar os modos de sentir, pensar, agir e reagir dos indivíduos (ou das comunidades), em relação ao lugar onde vivem, devendo se conscientizar que os indivíduos relativos àquele lugar (espaço) desenvolveram e desenvolvem conhecimentos, técnicas, estratégias, relações e sabedorias próprias, agindo e reagindo em relação ao meio onde vivem ocorrendo uma constante interação entre esses elementos.

## **Conclusões**

As diversas abordagens que nos estudos geográficos da atualidade delineiam as características e os rumos para a Geografia, têm contribuído na construção da paisagem como um conceito transdisciplinar e como uma categoria científica e cultural.

Os novos rumos dessa ciência, vista sob a ótica da paisagem e pela articulação de diferentes abordagens e consolidação de sua concepção teórica, passa pelo estabelecimento do direcionamento filosófico e científico utilizado considerando-se atualmente duas vertentes: (i) como sistema natural como uma totalidade que constitui o espaço geográfico; (ii) como percepção pessoal no seu próprio ambiente.

A Geografia está atravessando uma fase de construção a partir da década de 70 do século passado, entre a tradicional e a quantitativa em contradição com a radical e a humanista.

Nesta nova fase, estão ocorrendo mudanças bruscas sobre a Geografia pós-



moderna influenciada pela consolidação do paradigma ambiental e pelo tratamento digital dos conceitos e princípios tradicionais sob a interferência do paradigma das geotecnologias e ainda pelo aparecimento de novas obras com base nos princípios do significado espiritual, enfatizando a paisagem como uma representação simbólica de ordem cósmica; por considerar a paisagem pelas raízes culturais locais e pela substituição do conceito de espaço físico, assegurando a sustentabilidade dos processos da natureza.

Por fim, cabe fazer Geografia tornando-se adepto de uma ou outra abordagem, analisando o conjunto global ou as categorias setoriais dos fenômenos naturais e humanos, além do conhecimento prévio das várias tendências, na avaliação de suas vantagens e desvantagens e na proposição de novos encaminhamentos mais eficazes que os anteriormente constituídos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brown, E. H. (1980) *Geography: Yesterday and Tomorrow*. London: Oxford University Press.
- Brunhes, J. (1962) *Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura.
- Buttner, A. (1982) Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: Christofletti, A. (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel.
- Burton, I. (1977) A revolução quantitativa e a geografia teórica. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v.7, n.13, pp. 63-84.
- Chisholm, M. (1979) *Geografia Humana: Evolução ou Revolução?* Rio de Janeiro: Interciência.
- Claval, P. (1972) *La Pensée Géographique (Introduction à son Histoire)*. Paris: Publications de La Sorbonne, S.E.D.E.S.
- Claval, P. (1982) *A nova geografia*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Davies, W. K. D. (org.) (1972) *The Conceptual Revolution in Geography*. London: University of London Press.
- Entrikin, J. N. (1980) O Humanismo Contemporâneo em Geografia. *Boletim Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 10, nº 19, pp. 5-30.
- Ferreira, C. C. & Simões, N. N. (1986) *A Evolução do Pensamento Geográfico*. Lisboa: Editora Gradiva.
- George, P. (1972) *Os Métodos da Geografia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Gregory, K. J. (1985) *A Natureza da Geografia Física*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A.
- Hartshorne, R. (1969) Questões sobre a Natureza da Geografia. Rio de Janeiro: *Textos Básicos do IPGH*.
- Harvey, D. (1996) *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Kink, C. A. M. & Cole, J. P. (1968) *Quantitative Geography*. New York: John Wiley & Sons.
- Lacoste, Y. et al. (1958) *A Geografia Ativa*, São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- LA Blache, P. V. de. (s/d) *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmo.
- Lowenthal, D. (1961) Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology, *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 51, Nº 3, pp. 241-260.
- Raffestin, C. (1993) *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática.
- Wooldridge, S. W. & East, W. G. (1967) *Espírito e Propósitos da Geografia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Sauer, C. (1983) The morphology of landscape. In: Leighly (ed.). *Land and life: a selection from the writings of Carl O. Sauer*. Berkeley: University of California Press.
- Relph, R. *Place and Placelessness*. London, Pion.
- ----- (1984) *Rational Landscapes and Humanistic Geography*. London: Pion.
- ----- (1987) *The Modern Urban Landscape*. London: Pion.
- Tuan, Y. F. (1974) *Topophilia*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ----- (1976) *Space and Place*. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- ----- (1979) *Landscape of fear*. Minneapolis: University of Minnesota Press.